

Anthony Leeds
5923 33rd St., N.W.
Washington 15, D. C.

Anthony Leeds

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
BOLETIM DO MUSEU NACIONAL

NOVA SÉRIE

RIO DE JANEIRO - BRASIL

ANTROPOLOGIA — N. 8 — 18 de agosto de 1947

300.5
B12
J

**DETERMINAÇÃO DA CÔR DA PELE
A PROPÓSITO DE UM MÉTODO QUANTITATIVO**

THALES DE AZEVEDO
Fac. de Filosofia da Bahia.

São conhecidas dos estudantes de geografia, sociologia e antropologia as antigas classificações raciais baseadas nas côres da pele: branca, vermelha, amarela e negra (LINEU), colorações que GUVIER reduziu a três, excluindo a vermelha. Ainda recentemente LESTER e MILLOT¹ propunham para fins didáticos, uma divisão da Humanidade em grupos: pigmeu, negro, amarelo e branco.

I — DENOMINAÇÕES VULGARES

As designações vulgares dos tipos étnicos brasileiros, que se baseiam ou lembram a pigmentação cutânea, são de ordinário: *branco*, *mulato* ou *pardo*, *caboclo* e *prêto* ou *negro*. Ao longo da nossa História numerosas expressões, algumas em desuso atualmente, têm sido empregadas para indicar os mesmos tipos e suas variantes. Assim, *mazombo*, brasileiro descendente de pais europeus, particularmente portugueses; *mameluco* e, mais tarde, *mameluco*, de europeu (português) e índio; *curibóca* ou *cariboca*, de índio e negro segundo uns, de europeu e índio na opinião de outros², *creoulo*, de pais negros porém já nascidos no Brasil. OLIVEIRA

¹ *Les racés humaines*, Collection A. Colin, Paris, 1936.

² Sobre as diversas accepções de *cariboca*, *caboclo*, *cabrocha*, *cafus*, *carijó*, *caboré*, *carioca*, *mameluco*, *pardavasco*, *xibaro*, ver Bernardino de Sousa, Onomástica geral da geografia brasileira, *Rev. do Inst. G. e Hist. da Bahia*, 1927, n.º 53, e Teodoro Sampaio, O tupi na geografia nacional, *Rev. do Inst. G. e Hist. da Bahia*, 1928, número 54.



VIANA ⁸ divide os nossos tipos em: arianóide, negróide, mameluco (caboclo) e mulato (pardo).

Em 1648, MARCGRAVE já anotava algumas dessas denominações, acrescentando que, naquela época, o *curiboca* — que alguns consideram sinônimo de *caboré*, *zambo*, *cafus*, *cafuso*, *carafus* ou *carafuso*, *cabo-verde* — também era apelidado de caboclo; o mestiço de *cafuso* com negro era *xibaro*. *Cabra*, *caibra*, *cabrocha* ou *pardavasco* era o resultado da cruz do mulato com negro ⁴. Num documento holandês de 1649 se diz que as tropas brasileiras eram formadas de “Brasilianos, Tapuias, Negros, Mulatos, Mamalucos etc”⁵.

No Nordeste, os indígenas eram, primitivamente, distinguidos em *caboclos*, quase brancos, algo encardidos, e *tapúias*, côr de tijolo ⁶.

Em sua carta a El Rey, falando dos aborígenes que avistara, afirma PERO VAZ que “a feição delles, he serem pardos, maneyra davermelhados”; o piloto português da armada de CABRAL escreveu que “os homens como já dissemos são baços”, expressão que GANDAVÓ repetiu em 1576 e que DOMINGOS JOSE ANTONIO REBELLO emprega também na sua *Corografia ou Abreviada História Geográfica*, de 1829 (*Rev. do Inst. G. de Hist. da Bahia*, n.º 55, 1929); Frei VICENTE DO SALVADOR achava que “todos são da côr castanha” ⁷, COUTO DE MAGALHÃES dividia os aborígenes em dois grupos, com características físicas e mentais diversas: os *abaúna*, de pele côr de chocolate ou de cobre, e os *abajú* de côr amarelada ou de canela, respectivamente *tapuias* e *tupis*.

China é o nome que no Rio Grande do Sul se dá às mulheres indígenas ou mamelucas (ver os glossários rio-grandenses de TESCHAUER, R. CALLAGE, ROMAGUEIRA COSTA e outros). No romance “*Maria Dusá*”, LINDOLFO ROCHA assinala o uso da mesma expressão nas Lavras Diamantinas da Bahia. *Caipira* equivaleria, no princípio, a “homem tostado”, caboclo (BATISTA CAETANO).

³ Raça e assimilação, 2.ª ed.

⁴ Acrísio Bezerra, Caractères discriptivos, *Bol. do Inst. Puericultura*, N.º 1, a. II, Rio, 1939.

⁵ Nota de R. Garcia in *Hist. geral do Brasil*, Visc. P. Seguro, ed. Cia. Melhoramentos de S. Paulo, t. III, 131.

⁶ A. Taunay, cit. por A. Bezerra, loc. cit.

⁷ *Hist. do Brasil*, ed. Cia. Melhoramentos de S. Paulo, 52.

Os *brancos* ⁸, ainda hoje, ocupam uma larga faixa nas escalas de côres, porquanto o vocábulo, na bôca do vulgo, pode ter, além do significado antropofísico, um sentido meramente social.

E' assim que, ademais do *branco fino*, de caracteres caucasóides acentuados, brancos “estrangeirados”, com cabelos escuros, claros ou loiros, além dos *ruivos*, de cabelos avermelhados com jeito de “gringos”, e de *branco trigueiro* ou moreno (de moro, moiro), há aquêles tipos a que DONALD PIERSON chamou de brancos da Bahia ⁹, ou seja mestiços claros que, apesar dos seus leves traços negróides, são socialmente catalogados como brancos, como se fôssem “gente de qualidade”.

Realmente, existem indivíduos mestiços de uma alvura inexcédível, outros de uma coloração um tanto carregada, mas todos com rasgos fisiômicos tão disfarçados e cabelo tão fino ou liso que lhes permitem vencer as distinções de côr graças aos seus méritos profissionais, aos recursos econômicos ou outros atributos exigidos para a ascensão social no meio baiano, mesmo em quase todo o Brasil. Um individuo dêsses, estando na camada inferior da população, não passaria de mulato ou de “branqueado”, podendo ser, quando muito, um *mulato branco* ¹⁰ ou um mulato “*branco na côr*” ¹¹. Daí se infere que também a voz *mulato* ou *mestiço* ou mesmo *pardo*, abrange igualmente tôda uma ampla gama de tonalidades que correm do *café com leite*, e até de tintas muito mais claras, ao marrom, ao chocolate, ao “violette”, que chamamos *rôxo*, côres que GOBINEAU atribuiu a três mulatas que vira na côrte de PEDRO II ¹². Confundem-se os mais tiszados com o prêto claro, *fulo* ou *foveiro* ¹³. Tais gradações podem ser expressas com os vocábulos *oitavão*, para os

⁸ Adverte O. Viana que há duas especies de brancos: o puro (genotipo), em cujo patrimônio hereditário só se encontram elementos de brancos, e o aparente (fenótipo) ou mestiço arianóide, loc. cit.

⁹ Diluição da linha de côr da Bahia, *Rev. do Arquivo Municipal*, S. Paulo, a VIII, vol. LXXXIX, 1943.

¹⁰ Roger Bastide, Introd. ao estudo de alguns complexos afro-brasileiros, *Rev. do Arq. Mun. de S. Paulo*, a. VIII, vol. XC, 1943.

¹¹ P. Calmon, *Hist. social do Brasil* I, 24.

¹² G. Freyre, *Sobrados e mocambos*, 1.ª ed., 354.

¹³ A. Ramos, *Introd. à Antrop. brasileira*, I, 414; Braz do Amaral, *As tribus negras importadas*, descreve os negros Filanins como tendo “tez clara puxando a azeitona ou antes castanho” e os Fanties como de côr entre azeitona e bronze. Von Spix e

tipos com um oitavo de sangue negro, *quadrarão*, com um quarto etc. *Brancarana* é a mulata clara.

E quanto ao *prêto*, é inegável que também existe uma imensa latitude de variações, aumentando a confusão terminológica que nas outras expressões já apontamos. O povo distingue nesse tipo várias gradações de pigmento e diversos tons, o que explica a atitude de M. JULIA POURCHET, na sua "*Contribuição ao estudo antropológico da criança de côr*", Rio 1939¹⁴, preferindo dividir as crianças que foram objeto de suas pesquisas na Bahia em tipos "mais negros" e "menos negros", "tendo em vista a falta de uniformidade de critérios que têm surgido para distinguir uns de outros", os negros e os mulatos.

Há indivíduos de côr azeitonada, outros *prêto carvão*, sendo que o bantu é "pardo escuro chocolate, diferente do amarelo sujo ou pardo claro, avermelhado, dos fulos tanto quanto da côr de couro dos hotentotes e dos bochimanos ou *prêto retinto* dos naturais de Guiné¹⁵.

Durante certa parte do período colonial, os portugueses chamavam aos indígenas, de preferência, *negros*¹⁶, o que tem sido motivo de confusões e dúvidas, desfeitas ultimamente por CASSIANO RICARDO¹⁷, quanto à participação dos *negros de Guiné*, apelido dos africanos na época, nas entradas e bandeiras.

Ao contrário dos E. Unidos, onde uma gôta de sangue afro classifica imediatamente o seu portador como *negro* (*nigger*, corruptela depreciativa) — fazendo que sob esse denominador se encontrem os mulatos mais claros, os próprios brancos fenotípicos em cuja ascendência há pessoas de côr, e os pretos mais escuros — no Brasil bastam umas gôtas de sangue branco para permitir a exclusão do grupo *prêto*. E oscila de tal modo o sentido dos vocábulos *negro* e *prêto*, o primeiro

Von Martius, *Através da Bahia*, 2.^a ed., 1928, 96, asseveram que os *Macuas* tinham a pele menos preta, "mais côr de café" que outros africanos.

Fullah, Fulos, Filanins, etc. eram os negros Pehul, que A. Ramos estuda no trecho referido acima. Do seu nome é que vem *fulo* ou *fula* para designar os pretos *foveiros*, fulvos, castanhos claros.

¹⁴ Homem de côr, pessoa de côr, eufemismos para evitar o emprego das expressões negro, *prêto*, mulato — Egberto E. Santos, Homem de côr, *Publicações Médicas*, XIII, 5, 1941.

¹⁵ G. Freyre, *Casa grande e senzala*, 1.^a ed., 331.

¹⁶ Vic. Porto Seguro, *Hist. geral do Brasil*, ed. Melhoramentos de S. Paulo, I, 101, nota.

¹⁷ A Marcha para Oeste, 1940.

com accepção ora deprimente¹⁸, ora afetuosa e íntima¹⁹, que os sujeitos de côr clara, situados na camada econômico-social mais baixa, consideram-se *pretos* e os de côr algo carregada, quando alcançam um *status* elevado, são *brancos*, ou quando muito, *morenos*²⁰.

Os albinos — indivíduos desprovidos de pigmento melânico ao mesmo tempo na pele, nos pêlos em iris — são vulgarmente conhecidos como *aça* ou *assa*, *pretoassa*, *saraça* ou *sarará*²¹, *araçuaba* na Bahia ou *bujamé*²² no Ceará, diz A. BEZERRA, loc. cit.

O albino pode, aliás, ser de qualquer raça ou tipo étnico, Dai dizer-se: branco albino, negro allino etc. Já os primeiros que visitaram o Brasil — viajantes, missionários, naturalistas, assinalaram a raridade dos albinos entre os nossos aborígenes. São frequentes, entretanto, entre os negros²³, devendo reparar-se que na Bahia quase a totalidade dos albinos são *negróides*, e têm características antropológicas dos negros africanos, em grau variável, desde os traços fisionômicos à forma do cabelo. Daí o motejo popular que os intitula de *pretos brancos* ou *brancos em comissão*²⁴.

II — TERMINOLOGIA SISTEMÁTICA

Procurando-se sistematizar ou disciplinar o emprego das denominações vulgares nos trabalhos antropológicos, usam-se as expressões básicas referentes à pigmentação cutânea: branca (abreviadamente B), parda (P), negra (N) e amarela (A), seguidas de índice 1 para a tonalidade mais clara e índice 2 para a mais carregada²⁵.

¹⁸ Negro, *negrinha* ou, melhor, *nigrinha*, etc.

¹⁹ Meu negro, meu nêgo, nêguinho etc.

²⁰ "Os mestiços arianizados, já favorecidos por dosagens altas de sangue caucásio, evitam passar por tais — e inscrevem-se, bravamente, na classe dos brancos, dissimulando-se na roupagem eufemística dos "morenos" — O. Viana, op. cit., 230.

²¹ Candido de Figueiredo, *Dicton.*, Atribui a sarará o significado, que é verdadeiro para a Bahia, de mulato alourado, ruivo ou de cabelo vermelho; Bernardino de Sousa, *Onomástica*, idem.

²² O mesmo que *cabra*, descendente de cruz de mulato com *prêto*, diz Moraes, *Dicton.*

²³ E. Frizzi, *Antropologia*, Col. Labor, 4.^a ed., 88.

²⁴ A. Bezerra, loc. cit.

²⁵ Bastos de Avila, *Antropometria e desenvolvimento físico*, 1940, 13.



Ex.: B1 ou branco claro, alvo; B2 ou branco amorenado; N1 ou negro claro, etc.

O mesmo se pode fazer utilizando as denominações dos tons naturais nas suas 10 gradações²⁶.

- a) branco; pálido, rosado, moreno,
- b) amarelo; pálido, forte, escuro.
- c) escuro: avermelhado, chocolate, bem escuro, negro-azul.

Nas classificações raciais de GUVIER, BORY DE SAINT VICENT, TOPINARD, DE QUATREFAGES, os diversos tipos são agrupados segundo as côres branca, amarela e negra, da pele, com tonalidades em número variável, tais como pele *sombria, amarelada, escura, morena esbranquiçada* ou *amarelo-avermelhado, branco acobreado* (Haddon), *pardo avermelhado, pardo-chocolate, negro amorenado, branco amorenado, branco "mat"* (fôco, sem brilho), *branco rosado, amarelo, amarelo quente, amarelo amorenado, branco amarelado, amarelo pálido* (Deniker.)

Com os vocábulos, formados de raízes gregas, *leucodermo, xantodermo* e *melanodermo*, utilizados por outros autores para rotular os tipos de pele branca, amarela e negra, como no esquema de classificação vertical das raças proposta por STRATZ²⁷ ROQUETE PINTO introduziu em nossa nomenclatura antropológica uma disciplina que esta nunca tivera. Com a sua grande experiência dos problemas do Homem brasileiro, estabeleceu os seguintes tipos padrões²⁸:

Leucodermos: indivíduos de pele branca, em geral trigueira (Ns. 10 a 19 da Escala de Von Luschan); cabelos negros e ondulados (quimatótricos); olhos em geral escuros (pardos ou negros); estatura mediana, ou pequena; braquicefalia, leptorria acentuada.

²⁶ Dina Levi-Strauss, *Instruções práticas para pesquisas de Antropologia física e cultural*, I, 1936, 42.

²⁷ Huxley classifica as raças em negroides, xantocróides, melanocróides, australóides e mongolóides.

²⁸ Nota sobre os tipos antropológicos do Brasil, 1.º Congresso Brasileiro de Eugenia, 1929, I, 117. Também se empregam essas expressões abreviadas pela inicial respectiva, ajuntando-se-lhe os índices 1 e 2 com o significado antes indicado: L2, X2, etc. Ordinariamente esses tipos são caracterizados empiricamente por um exame desarmado do indivíduo; é o que ocorre nos trabalhos comuns de inspeção escolar, militar, médica, etc.

Faiodermos: indivíduos de pele parda mais ou menos escura (Ns. 20 a 30 da Escala de Von Luschan); olhos escuros (negros ou pardos); cabelos ulótricos, estatura mediana, mesocéfalos; leptorrinos ou mesorrinos.

Xantodermos: pele 20 a 30 de Von Luschan, cabelos negros, lissótricos, olhos escuros, às vèzes, de fenda palpebral levemente oblíqua; face larga; estatura mediana ou pequena; braquicéfalos; leptorrinos ou mesorrinos.

Melanodermos: pele 30 a 36 de Von Luschan, olhos escuros; lofócos; estatura mediana ou alta; braquicéfalos; face alongada.

III — PIGMENTAÇÃO ARTIFICIAL OU ANÔMALA

A determinação da côr da pele exige, de quem a pratica, a distinção entre a pigmentação natural e artificial, resultante de pintura como a que usam, para fins os mais vários, os aborígenes de quase todo o Continente americano com pigmentos vegetais e minerais de tom vermelho (urucu, *Bixa orellana*, usada por indígenas brasileiros), branco (pelos Ona da Terra do Fogo), prèto ou rôxo escuro (jenipapo, *Genipa americana*, também empregado por naturais do Brasil) etc. M. QUERINO atribui às negras Egbás o costume de pintarem de azul a pálbebra inferior (A raça africana e os seus costumes na Bahia, *Anais do 5.º Congresso Brasileiro de Geografia*, I vol., 617, 1917). Mesmo entre povos civilizados hodiernos, artificios idênticos são usuais, ao menos entre as mulheres, para fins estéticos (*maquillage* do rosto, das pernas, para substituir as meias, ou para amorenar a pele). Efeitos parecidos procuram obter homens e mulheres por meio de banhos de sol ou de luz de altitude artificial (lâmpadas de arco voltaico ou de vapores de mercúrio, produtoras de raios ultra-violeta).

"As anomalias da pigmentação surpreendem em primeiro lugar pela sua coloração devendo-se distinguir as *hipercromias* e as *hipocromias* ou *acromias*.

"As *hipercromias* se apresentam de côr amarelo claro amorenado ou cinza sujo, em casos isolados também azul acinzentado ou azul escuro. Esta coloração não desaparece por nenhum meio de limpeza (ao contrário da pigmentação artificial por pintura) nem pela vitropressão. As *hipercromias* podem aparecer ou espontaneamente (efélides, nevos, manchas da doença de Recklinghausen, cloasma etc.) ou como restos de

? escala muito grande

processos inflamatórios superficiais que curam sem deixar cicatriz (piodermites superficiais, sifilides, dermatites luminicas etc.) e, quanto ao seu tamanho, podem revestir a forma de pequenas manchas (efélides, pequenas manchas da doença de Recklinghausen, pigmentações consecutivas a pequenas escoriações, ao impetigo estafilógeno, foliculites superficiais, sarna, sifilides papulosas e tuberosas não ulceradas etc.), grandes manchas (nevus, grandes manchas de Recklinghausen, cloasma etc.), ou difusas, em forma de placas (depois de eczemas crônicos, no complexo sintomático das varizes, na esclerodermia, na lepra, nos exantemas medicamentosos, depois do emprêgo de meios irritantes da pele, aplicações úmidas, termóforos, radioterapia, tório X, etc.). Quando adquirem grande extensão falamos de *melanodermias* (melanose arsenical, salvarsânica, da guerra, melanodermia por pelagra, consecutiva ao paludismo, dos vagabundos, do ergotismo, da molestia de Addison, do diabete bronzeado, ação geral da luz solar, dos raios ultra-violeta, da lâmpada de arco voltaico, e pela ação do calor). Com frequência, a pigmentação não se apresenta com a mesma intensidade em tôdas as regiões da pele afetada, de maneira que se originam os mais diversos desenhos puntiformes, reticulados, marmorizações, etc.

“As *hipocromias* ou *acromias* apresentam-se de côr ebúrnea ou branco de cal, em forma de manchas (leucoderma sifilítico, psoriásico, etc., pequenas placas de vitiligo, albinismo); os pêlos correspondentes às regiões acromicas se acham desprovidos de pigmentos e são de côr branca (poliose circunscrita). Muitas vêzes as zonas acromicas estão rodeadas por uma faixa intensamente pigmentada (leucomelanodermia).

“Existem também melanodermias nas quais se encontram zonas salpicadas com hipopigmentação pròpriamente dita (as chamadas “zonas vitiliginosas” nas melanodermias da lepra, nas melanoses do salvarsan, etc.).

“As anomalias de pigmentação — com exceção das manchas crúleas — evoluem sempre de modo muito lento, muitas persistem durante tôda a vida (albinismo, vitiligo, nevus pigmentares planos, manchas da moléstia de Recklinghausen, etc.) Quando são transitórias, podem involuir por completo”²⁹.

²⁹ P. Tachau, Diagnostico diferencial en las enfermedades de piel y venéreas, in *Tratado de diagn. diferencial*, de G. Honigsmann, ed. Labor, S.A., VII, 1933, p. 10 e 11.

A côr do tegumento cutâneo é modificada, ainda, pelas anemias, pelas ictericias (verdínica, rubínica, flavínica, melânica), pela carotinemia³⁰, pela ingestão de ácido picrico, de “atebrina”, e outros derivados das anilinas como a tripaflavina, o “prontosil rubro”, o “pyridium”, que conferem à pele e às mucosas uma côr amarela de tonalidade variável.

IV — ESCALAS CROMÁTICAS

As escalas cromáticas usadas em Antropologia para a determinação da pigmentação cutânea são 1) feitas de tiras de papel ou de outro material colorido; 2) de faixas de côres pintadas ou impressas em série graduada sôbre cartão ou 3) ainda de blocos ou placas de vidro corado, correspondendo a cada tonalidade um número. Varia, conforme o seu Autor, o número de unidades cromáticas, de modo que o algarismo correspondente a uma dada côr não coincide nas diversas escalas.

As escalas mais conhecidas são as de VON LUSCHAN, com 36 matizes, a de P. BROCA com 34, a de DENIKER com 9, as de R. MARTIN, E. FISCHER, J. FREITSCH, GRAY, KRUSI. FROES DA FONSECA adaptou aos tipos brasileiros a escala de KRUSI, construindo uma série graduada de 8 côres da pele e outras tantas da iris*.

A indicação da côr por um número correspondente ao matiz equivalente numa dessas escolas dá apenas uma referência qualitativa.

V — MÉTODO QUANTITATIVO

DADENPORT, TODD e VAN GORDER, M. J. HERSKOVITS e outros³¹ introduziram na prática antropológica uma técnica que tem a vantagem de indicar a pigmentação de maneira quantitativa, empregando o disco cromático de Milton-Bradley, o qual se baseia no princípio da mistura de côres estudado pelo fisico inglês MAXWELL.

³⁰ Thales de Azevedo, Carotinemia, *Brasil-Médico*, XLVI, 39, 1932; p. 829-31; V. Romeiro, *Semiologia médica*, 5.ª ed., 1933, I. p. 58.

* A escala de Krusi e Fróes um ensino do prof. Fróes da Fonseca para adaptar ao nosso meio uma escala simples, foi divulgada sem que o seu autor houvesse concluído os estudos necessários à sua divulgação. Existe o exemplar original no Museu Nacional.

³¹ Melville J. Herskovits, *The Anthropometry of the American Negro*, Columbia, University Press, N. York, 1930; p. 34 e ss.

"Esse *color-top* é realmente um brinquedo³² construído para ensinar às crianças no Jardim de Infância o principio da mistura de cores, e tem a vantagem de que é fabricado em quantidade, não é muito caro para ser usado em estudos como estes e vem com discos de cores que estandarizados segundo um modelo, podem ser frequentemente trocados para obviar erros devidos a ficarem sujos por excesso de uso"³³.

Compõe-se o *color-top* de um fuso de madeira com um bolbo ajustável, um disco de papelão com 20 sectores equivalentes a 5% cada um e uma série de discos de papel de várias cores, das quais se utilizam, para o fim que nos interessa, apenas o branco, o preto, o amarelo e o vermelho. Obtém-se a combinação cromática dispondo, sobre o disco de papelão graduado, os 4 discos de cores, depois de fazer nestas um corte retilíneo de tesoura, ligando o orificio central à borda. Imbricados os discos corados, de modo a se poder ajustar a quantidade desejada de cada cor, por meio de uma pinça de dissecação, de filatelia ou de depilação, imprime-se um movimento rotativo à carrapeta e olha-se durante alguns momentos para a mistura de cores obtida, não convindo demorar a vista porque isso induziria a erro pela variação resultante da diminuição da velocidade giratória. Num caso de dúvida é sempre preferível repetir a experiência.

Dest'arte chega-se, por tentativas, a obter uma cor igual à pele, observada esta através de um orificio de uns 3 cm de diâmetro feito num papel branco que recubra o braço. Durante o exame o antebraço, que deve descansar sobre a mesa estará também coberto com outra folha branca e o "color top" será acionado sobre uma superfície igualmente branca.

Conseguindo-se, no "color top" em movimento, uma cor igual à da pele, resta apenas ler naquele as porcentagens em que entrou, na mistura cada uma das quatro cores.

Rêcomenda HERSKOVITS que cada conjunto de discos corados se empregue apenas 10 a 15 vezes, o que realiza condições ideais de segurança. Trabalhando-se com cuidado — quando não seja fácil a aquisição do material — pode-se fazer um número muito maior de determinações com um só jôgo.

Importa levar em conta que, de um autor para outro, há ordinariamente uma diferença subjetiva na apreciação das misturas cromáticas e,

³² Uma carrapeta, espécie de pião, que se faz girar com a mão.

³³ M.J. Herskovits, op. cit., 34.

consequentemente, uma diversa leitura destas de acôrdo com a velocidade imprimida à carrapeta. Nada disso tira ao método as suas vantagens.

Dado que o *vermelho*, no "color top", não corresponde a uma cor do espectro, observadores diversos chegaram à conclusão de que na leitura das porcentagens do preto e do vermelho é necessário a seguinte correção: subtrair 59% do valor encontrado para o vermelho e acrescentar a mesma quantidade ao preto*. Por ex.: lendo o "color top", encontramos:

Branco	2%
Amarelo	6%
Vermelho	16%
Prêto	76%

Cinquenta e nove por cento de 16 são 9,44. Dêsse modo, a operação a fazer-se é simplesmente esta:

$$16 - 9,44 = 6,56$$

$$76 + 9,44 = 85,44$$

A leitura definitiva será, pois:

Branco	2%
Amarela	6%
Vermelho	6,56%
Prêto	85,44%

Esse método é essencialmente artificial, esclarece HERSKOVITS, porquanto não representa fatos anômicos ou fisiológicos.

* "As has been remarked by Todd and Van Gorder, the red disks which are supplied with the tops do not represent a spectrum color. Checking these with Ridgeway's color standards, I found, as they did, that the best value for the red of the disk is that which, is a spectrum red with 59% black, although the so-called "standardization" of the color by the Milton-Bradley Company is anything but reliable, and other values might easily be found for other specimens of the red disk. Yet this seemed to fit the situation best, and therefore, before the distributions for black were tabulated, the values for this color were corrected by subtracting 59% of the value of the red from the original reading of that color, and adding this amount to the original value of the black segment. The calculations, in consequence, are based on tabulation of the corrected observed values of black and red" M. J. Herskovits, op. cit., p. 36.

us we what
color (shade)
as standard?

rather
arbitrary

!!!

to what does
spectrum re-
correspond in
the human
classification

Não deixa de haver, contudo, certa relação com a circunstância da pigmentação cutânea resultar da combinação dos seguintes elementos:

1) presença de um pigmento granuloso escuro, a *melanina*, que se distribui em partes pela epiderme, em parte pelo *corium*, ou pelas duas camadas simultaneamente;

2) transparência, através dos finos vasos da pele, da côr vermelha do sangue nêle contido²⁴, e ainda.

3) transparência, através da pele, do pigmento amarelo da gordura e do sôro sanguíneo;

4) um elemento negativo, representado pela transparência normal da pele.

VI — TENTATIVA DE USO DO "COLOR TOP"

No 2.º semestre de 1944, realizando uma investigação médica em 2 escolas públicas primárias dos bairros de Estrada da Liberdade e Luiz Tarquínio e em 5 orfanatos, na cidade do Salvador, Bahia, com a cooperação do Dr. A. D. GALEÃO e da enfermeira D. RAIMUNDA FRANÇA, classificamos 508 alunos e asilados de ambos os sexos, de 6 a 12 anos de idade, organizando o quadro abaixo:

QUADRO N.º 1

FREQÜÊNCIA DOS TIPOS RACIAIS SEGUNDO A INTENSIDADE DA PIGMENTAÇÃO EM CADA ESTABELECIMENTO

ASILO →	LEUCOD.		FAOID.		MELANOD.		XANTOD.		TOTAIS
	1	2	1	2	1	2	1	2	
SEXO FEMININO; →									
Asilo C. P. Marinho.....	4	7	3	2	2	0	1	0	19
Asilo N. S. Destêro.....	5	14	6	7	7	1	0	1	41
Asilo N. S. Salete.....	17	11	6	3	3	2	2	0	44
Col. Órfãs S. C. Jesus.....	14	15	9	10	4	0	1	0	53
Asilo N. S. Misericórd.....	5	8	4	5	13	4	4	1	44
Esc. Luís Tarquínio.....	12	17	24	9	5	1	3	1	72
Esc. Duque de Caxias.....	2	10	1	7	4	3	0	1	28
SEXO MASCULINO;	59	82	53	43	28	11	11	4	
Asilo N. S. Misericórd.....	4	5	11	16	17	15	1	3	72
Esc. Luís Tarquínio.....	11	14	14	7	3	2	1	1	53
Esc. Duque de Caxias.....	5	11	11	16	19	16	1	3	82
Nos. parciais.....	79	112	89	82	77	44	14	11	508
Nos. totais.....	191		171		121		25		
Porcentagens.....	37,5		33,6		23,8		4,9		

Aproveitando o ensejo que êsse trabalho do Departamento de Saúde nos oferecia, pesquisamos as côres da pele e da iris com a escala de Krusi-Fróes, colhendo os dados que seguem:

QUADRO N.º 2

Côr da pele (Krusi-Fróes)

	1	2	3	4	5	6	7	8	
Leucodermos	14	31	13	54	39	34	6	0	191
Faiodermos	2	4	5	30	27	50	51	2	171
Melanodermos					3	15	58	45	121
Xantodermos				5	3	8	7	2	25
	16	35	18	89	72	107	122	49	

Os nossos melanodermos correspondem exatamente às "crianças de côr" da pesquisa de M. JULIA POURCHET op cit., compreendidas entre os n.ºs 5 e 8 da escala de Krusi-Fróes.

QUADRO N.º 3

Côr da iris (Krusi-Fróes)

	1	2	3	4	5	6	7	8
Leucodermos	2	1	6	13	27	56	65	21
Faiodermos	1	—	1	3	8	44	73	41
Melanodermos					1	4	49	67
Xantodermos				1	1	—	10	13
	3	1	7	17	37	104	197	142

²⁴ B. Ávila, op. cit., 10.

Submetendo o mesmo material humano à determinação da côr da pele pelos "color-tops" que o prof. HERSKOVITS nos havia oferecido em 1942³⁵, alguns dos quais anteriormente gastara em pequenas tentativas, achamos os valores que constam dos quadros a seguir:

dent. substitua
+ by color

QUADRO N.º 4
COR; BRANCO

%	LEUCOD.	FAIOD.	MELANOD.	XANTOD.
1-2.....	1	6	28	—
3-4.....	5	30	40	6
5-6.....	18	32	20	5
7-8.....	30	38	16	6
9-10.....	18	18	10	5
11-12.....	15	11	2	—
13-14.....	17	4	2	1
15-16.....	15	5	1	—
17-18.....	7	7	—	—
19-20.....	10	3	—	—
21-22.....	8	6	—	—
23-24.....	6	4	—	1
25-26.....	7	3	—	1
27-28.....	7	1	—	—
29-30.....	7	2	—	—
31-32.....	2	—	—	—
33-34.....	6	1	—	—
35-36.....	5	—	—	—
37-38.....	2	—	—	—
39-40.....	2	—	—	—
41-42.....	1	1	—	—
43-44.....	—	—	—	—
45-46.....	—	—	—	—
47-48.....	—	—	—	—
49-50.....	1	—	—	—
51-52.....	—	—	—	—
53-54.....	—	—	—	—
55-56.....	1	—	—	—

191

QUADRO N.º 5
COR; AMARELO

%	LEUCOD.	FAIOD.	MELANOD.	XANTOD.
3-4.....	1	1	4	—
5-6.....	—	4	10	1
7-8.....	1	9	19	1
9-10.....	2	23	34	2
11-12.....	13	36	13	4
13-14.....	32	29	21	7
15-16.....	37	28	8	5
17-18.....	53	16	5	3
19-20.....	20	18	5	—
21-22.....	21	6	—	1
23-24.....	8	2	—	1
25-26.....	3	—	—	—

191

QUADRO N.º 6
COR; VERMELHO

%	LEUCOD.	FAIOD.	MELANOD.	XANTOD.
3-4.....	—	—	14	—
5-6.....	6	12	30	2
7-8.....	47	60	42	6
9-10.....	84	68	25	11
11-12.....	35	25	6	4
13-14.....	13	5	—	2
15-16.....	5	2	1	—
17-18.....	—	—	—	—
19-20.....	1	—	—	—
21-22.....	—	—	—	—
23-24.....	—	—	—	—
25-26.....	—	—	1	—

191

³⁵ Thales de Azevedo, A obra científica do prof. Melville J. Herskovits, *Cultura*, Bahia, 1945, I, 1; p. 93-105.

QUADRO N.º 7
COR; PRÊTO

%	LEUCOD.	FAIOD.	MELANOD.	XANTOD.
23-24	1	—	—	—
25-26	1	—	—	—
27-28	—	—	—	—
29-30	1	—	—	—
31-32	3	—	—	—
33-34	1	—	—	—
35-36	4	1	—	—
37-38	7	—	—	—
39-40	6	—	—	—
41-42	6	—	—	—
43-44	3	2	—	—
45-46	5	3	—	—
47-48	10	3	—	1
49-50	6	6	—	—
51-52	8	4	—	—
53-54	8	8	—	—
55-56	11	2	—	1
57-58	12	6	—	2
59-60	8	6	—	—
61-62	11	5	3	1
63-64	17	6	2	1
65-66	13	10	2	1
67-68	11	14	5	1
69-70	9	21	3	6
71-72	11	15	7	4
73-74	9	14	11	2
75-76	7	14	8	—
77-78	1	8	10	2
79-80	—	11	8	2
81-82	1	3	11	—
83-84	—	3	16	1
85-86	—	4	13	—
87-88	—	2	5	—
89-90	—	1	4	—
91-92	—	—	6	—
93-94	—	—	5	—

O quadro que segue resume os anteriores :

QUADRO N.º 8

	Branco %	Amarelo %	Vermelho %	Prêto %
<i>Leucodermos</i>				
Mínimo	2	3	5	23
Máximo	55	26	20	82
Média	16,1	16,8	9,6	56,1
<i>Faiodermos</i>				
Mínimo	1	3	5	36
Máximo	42	23	16	90
Média	9,6	13,0	8,6	68,6
<i>Melanodermos</i>				
Mínimo	1	2	3	62
Máximo	15	18	26	94
Média	4,8	8,6	7,2	79,6
<i>Xantodermos</i>				
Mínimo	3	6	6	48
Máximo	25	24	13	83
Média	7,9	13,8	9,2	68

90% de white

Conquanto seja precária a identidade entre os tipos N (negros sem mistura, de acôrdo com as respectivas genealogias) do prof. HERSKOVITS³⁶ e os Melanodermos (individuos de côr mais escura e caracteres negróides mais acentuados) desta pesquisa, comparamos, a titulo ilustrativo, as porcentagens máximas e médias correspondentes aos mesmos tipos, em cada uma das côres (B, branco; A, amarelo; V, vermelho; P, prêto) e os seus valores mais frequentes (moda):

QUADRO N.º 9

	V. MÁXIMOS				V. MÉDIOS				MODA			
	B	A	V	P	B	A	V	P	B	A	V	P
N (Herskovits).....	23 (*)	18	20	90-91	6,0	7,76	10,8	75,5	3	5	9	80-81
Melanod. (T. Azevedo).	15	18	26	94	4,8	8,6	7,2	79,6	2	7	7	84

(*) Um caso isolado de 43 %.



Figs. 1, 2 e 3 — Pretos, Figs. 4 e 5 — Mulatos brancos, Fig. 6 — Branca da Bahia, Fig. 7 — "China" (mameluca), Fig. 8 — "Color-top" (tamanho natural).

Além dos fatores subjetivos na leitura do "Color-top", devemos assinalar em nossos algarismos a influência da diferença de técnica resultante da escassez de instrumental, usando em toda a investigação — pela dificuldade em adquirir novo material — somente 3 jogos de discos coloridos, muito embora com o mais escrupuloso cuidado em não tocá-los com os dedos, mas sempre com uma pinça metálica.

²¹ M. J. Hruskovits, op. cit.